



*A invasão de área pública no Guará II é prova da organização dos invasores: barracos com menos de quatro metros quadrados, tijolos, portas iguais e muito mais areia que cimento*

# Derrubados mais 38 barracos, sem notificação

Cristina Ávila  
Da equipe do Correio

Algumas horas antes do início do seminário onde o governo e população discutem a nova política habitacional para o Distrito Federal, associados de cooperativas invadiram áreas públicas no Guará. O Serviço de Vigilância Integrada do Solo (SivSolo) derrubou 38 barracos construídos no final de semana e madrugada de segunda-feira. Todos de alvenaria, com tijolos e portas exatamente iguais, o que denuncia a organização do grupo.

O esquema de grilagem da terra pública tem um pé na invasão e outro nas liminares expedidas pela Justiça. Os invasores usam as próprias notificações distribuídas pelas administrações regionais como principal argumento na hora de pedir a proteção dos juízes.

“Dessa vez não notificamos ninguém. Derrubamos os 38 barracos com o amparo da lei. O poder público tem esse direito, já que não se pode reconhecer como moradia esses barracos feitos instantaneamente, da noite para o dia”, comenta o gerente do SivSolo, major Esmeraldo de Oliveira. “Os invasores já ficam sentados no banquinho esperando as notificações. Ou-

vi um advogado orientando-os a receber as notificações para entrar com ações na Justiça.”

Os barracos derrubados estavam espalhados entre nas quadras QE 44 e QE 38. Alguns não tinham nem quatro metros quadrados. Portas de metal, tijolos de oito furos e telhas de amianto. Os fiscais derrubaram algumas construções com as mãos. A mistura com mais areia do que cimento ainda estava úmida. “Entre 20 e 22 barracos ficaram em pé na QE 44, protegidos por liminares. Derrubamos 38. Se tivéssemos feito notificações, não teriam sido derrubados”, observa o major Oliveira. Entre a entrega das intimações e a derrubada haveria tempo suficiente para que os advogados corressem aos juízes de plantão.

O gerente do SivSolo afirma que as construções foram orquestradas por cooperativas. “A gente sabe

que são cooperativas que estão por trás. Mas as pessoas não denunciam”, afirma o major Oliveira. Na manhã de sábado, o Correio flagrou um comboio de dez caminhões carregados de tijolos e portas de metal no Guará. Tudo indicava que estariam na cidade para

descarregar, mas voltaram para a empresa de material de construção, em Samambaia, logo que os motociclistas viram o carro do jornal.

A comerciária desempregada Edite Fátima Rocha, 37 anos, confirma. “Não vou dizer o nome da nossa cooperativa, porque a gente

construiu os barracos consciente do risco que corria”, dizia, chorando, ao ver seu barraco no chão, na quadra 38. “Olha o estado que estou. Com as mãos feridas de tanto trabalhar. Pareço uma mendiga. O governador Roriz prometeu que iria resolver o problema das cooperativas em 60 dias e o que fez foi

acabar com todas. Todo mundo voltou nele aqui.”

Edite Fátima disse que estava há quase 30 horas sem dormir. Passou a manhã e a tarde de domingo organizando o material que levaria para a obra. Entrou a madrugada construindo o barraco menor de quatro metros quadrados. Apesar da ilusão — que lhe custou R\$ 210,00 de material — ela acabou decepcionada.

“Por que o governo não nos deixou aqui quietinhos? Tanta área em Brasília. Nós só fizemos mais um conjuntinho aqui na quadra 38.” A comerciária afirma que tem um filho de 10 anos que recebe R\$ 130,00 de pensão da Previdência Social. “É minha única renda fixa. Eu ia entregar hoje o barraco onde pago R\$ 250,00 de aluguel, aqui na quadra 42. Com essa demolição, caí e não me levanto mais”, chorava, amparada por vizinhas.

As reclamações por causa de promessas de campanha de Joaquim Roriz fizeram coro nas quadras 44 e 38. A assessoria do governador, porém, repete sempre que Roriz nunca prometeu lotes, mas sim que as possíveis remoções de invasões em seu governo seriam feitas sem violência.

Com ou sem violência, para os

invasores o que importa é ter seu pedaço de terra. “Eu não vou sair daqui!” — avisa José Paulo de Lira, 33 anos. “Nasci em Brasília e tenho quatro filhos nascidos em Brasília e não tenho dinheiro pra pagar aluguel.” Ele morava em um barraco na QE 44, derrubado duas vezes. “Agora, vou fazer um barraco de lona, mas fico aqui.”

O cobrador de ônibus José Reginaldo Silva Leal, 43 anos, também revoltou-se com a derrubada. “Daqui não saio. Tenho inscrição na Shis (Sociedade de Habitação de Interesse Social, extinta e substituída pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal), e nunca fui chamado pra ganhar lote. Meu processo foi arquivado pelo Idhab.”

Logo que o SivSolo deixou a quadra 44, moradores começaram a levantar caibros, possivelmente para a construção de barracos em madeira. As pessoas em volta reclamavam, tentavam organizar um movimento, qualquer coisa, como um desabafo coletivo. “Vamos nos reunir e ir para a porta da administração exigir nossos direitos”, sugeriram alguns. “Vamos lutar. Vamos nos unir”, convidava uma mulher aos que tiveram os barracos demolidos.

**“POR QUE O GOVERNO NÃO NOS DEIXOU AQUI QUIETINHOS? TANTA ÁREA EM BRASÍLIA. NÓS SÓ FIZEMOS MAIS UM CONJUNTINHO AQUI NA QUADRA 38”**

Edite Fátima Rocha  
invasora